

UFSC completa um quarto de século. E agora?

Após 25 anos, a Universidade Federal de Santa Catarina, em que pesem os serviços que presta à comunidade, enfrenta uma séria crise financeira e técnica

Casa do Estudante: batalha em andamento

Dentre os atuais 15 mil e 288 acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina, 70% vieram do interior. Mas a construção da Casa

Sérgio Homrich

POR uma universidade, capaz de aperfeiçoar projetos e desenvolver pesquisas científicas, para garantir a formação técnica de seus profissionais. Esta proposta brotou há 26 anos

péssima conservação dos prédios e chegando ao denominador comum: nenhum tem dinheiro.

PROJETOS

Sob todas as consequências da falta de verbas, a UFSC ainda consegue ampliar anualmente seus pro-

o Hospital Universitário enfrenta uma de suas maiores crises desde que foi fundado, há 25 anos. Mesmo atendendo a três mil pacientes por mês - um total de sete mil consultas ambulatoriais e 260 internações - O HU não recebe verbas suficientes nem autonomia

de limpeza ganha Cz\$ 1.600. Ele não entende o desinteresse do governo do estado em conhecer os problemas do HU, porque, "mesmo sendo federal, a instituição atende, na maioria, a catarinenses".

Todas estas consultas são

Biblioteca: mais de 860 mil usuários/ano

Um total de 160 mil exemplares, 65.850 títulos, 4.500 periódicos - nacionais e estrangeiros - distribuídos em sete setores, compõem o acervo da Biblioteca Universitária, inaugurada em

Universidade Federal de Santa Catarina, vieram do interior. Mas a construção da Casa do Estudante Universitário, por enquanto, não passa de projeto. Cansados de promessas, 12 alunos invadiram uma casa abandonada no terreno da UFSC - em péssimo estado de conservação - em 1981. E três anos depois o projeto de moradia estudantil estava concluído pela Reitoria. A idéia era abrigar mil estudantes em um prédio a ser construído em três etapas. A Reitoria quer solucionar o impasse neste ano. Depois ceder o terreno e organizar uma comissão - 81 representada pelo DCE, as duas atuais - de estudantes - a feminina fica na Rua Steves Júnior -, o Escritório Técnico da UFSC, professores de Engenharia Civil e Arquitetura, além de uma aluna do curso de Jornalismo), a Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária esperou pela mobilização estudantil. A Comissão solicitou serviços de terraplanagem à Prefeitura, mas até agora nada foi feito.

"Faltou organização dos estudantes", lembra Moacir Dozol, que hoje já está formado em Filosofia pela UFSC, mas continua morando na CEU. Ele afirma que enquanto não conseguir emprego é impossível sair da moradia. Além dele, mais seis estudantes moram na casa, que fica entre os matos. Eles entendem que existem muitas forças como imobiliárias e pensões criando dificuldades para a construção da Casa e lembram: "Quando assumiu, o reitor prometeu dar prioridade à Moradia Estudantil".

PRÓ-REITORIA

Mas a Pró-reitoria de Assistência Universitária, Sidneya Gaspar de Oliveira, garante que "já estão reservados recursos da taxa de matrícula deste ano, exclusivamente para a construção da moradia estudantil". Ela critica que a comissão não tem mais atuado - a última reunião foi em janeiro - e lembra que se os estudantes entregarem a proposta de regimento administrativo do prédio, "as obras iniciam em 30 dias". E promete: "O reitor quer concluir, no mínimo, a primeira etapa ainda na sua gestão".

DCE

Se depender de intenções, a moradia estudantil parece que será erguida ainda neste ano. O Diretório Central dos Estudantes - com mais de 10 mil associados - colocou o assunto como luta prioritária. O responsável pelos assuntos estudantis do DCE, Ivan Brognoli, lembra que os alunos que vêm do interior "não podem pagar os preços absurdos dos aluguéis" e destaca que a construção da CEU "é um direito, que se inclui no ensino público e gratuito a todos os estudantes". No próximo dia 25 o diretório promoverá reunião sobre a moradia.

Outra bandeira reivindicada pelo DCE é a questão da Reforma Universitária. Os estudantes estão propondo um debate, que culmine com a Constituinte Universitária. E reclamam que "de uma forma autoritária a administração da UFSC não aceitou a sugestão" - a discussão do tema está ligada diretamente ao Conselho Universitário, que tem a representação de apenas sete alunos. Por isso, o DCE lançará uma proposta de reforma, paralela à Reitoria.

A nível nacional, os estudantes querem discutir os verdadeiros objetivos da universidade brasileira a autonomia e a democracia dentro das universidades federais. Sobre a UFSC, Ivan Brognoli é objetivo: "Aos seus 25 anos, ela passa por séria crise. Os prédios estão caindo, os laboratórios não têm aparelhagem, falta professores e o espaço físico é deficiente".

de seus profissionais. Esta proposta brotou há 26 anos e começou a amadurecer no dia 12 de março de 1962, quando a Universidade Federal de Santa Catarina foi definitivamente instalada. Hoje, mais de 1.500 estudantes saem anualmente de seus 11 Centros de Ensino, depois de passar pela orientação de dois mil professores esforçados e mal remunerados. Sem uma política de educação voltada para o ensino público e gratuito, o Governo Federal também paga pouco aos 2.945 servidores da UFSC.

A 10 quilômetros do centro de Florianópolis, a Universidade construiu pouco menos do que 130 mil metros quadrados de pavimentos para abrigar seus 15 mil e 300 acadêmicos. A estrutura - burocrática e de ensino - surpreende: são 5 pró-reitorias que coordenam os Centros de Ciências da Saúde, Agrárias, Biológicas, Jurídicas Físicas e Matemáticas, Humanas, Ciências da Educação, e ainda os de Comunicação e Expressão, Desportos, Sócio-econômico e Tecnológico. Todos eles possuem as suas deficiências específicas, e as reclamações vão desde a falta de vigilância, passando pela

UFSC ainda consegue ampliar anualmente seus projetos e núcleos de estudos, expandindo setores como a Biblioteca Universitária, o Museu de Antropologia, o Planetário e, entre tantos, até o Colégio de Aplicação, com 1.700 alunos divididos em 39 turmas. Para intensificar a busca pelo aperfeiçoamento foram criados projetos como o *Larus* - resgate da importância ecológica no estado - e o *Núcleo de Estudos do Mar* - a preservação da memória histórica em Santa Catarina.

A atualização de realidades sobre a destruição e defesa do meio ambiente se completa no importante projeto criado pela Pró-reitoria de Assistência à Comunidade Universitária: para acompanhar o trabalho dos constituintes de nosso estado, eleitos em novembro, foi fundada a Associação Catarinense Pró-Constituinte - uma comissão de 60 entidades. No decorrer do semestre, estes políticos serão requisitados a prestar contas. "Nosso trabalho é sério e suprapartidário", garante a pró-reitora Sidneya Gaspar de Oliveira.

HOSPITAL

Alheio a estas iniciativas.

O HU não recebe verbas suficientes nem autonomia para se manter. "Ele precisa ser encarado como hospital - não como sala de aula", reclama seu diretor, Alberto Chterpensque, também coordenador do Núcleo da Região Sul dos Hospitais Universitários.

A queixa pede uma explicação para a existência de apenas 120 leitos no Hospital - seu projeto prevê no mínimo 350. Indaga sobre um Decreto Federal que proíbe a contratação de novos servidores - "a burocracia de Brasília torna difícil até a substituição de pessoal", critica Alberto. E lembra que uma enfermaria completa para Clínica Cirúrgica - doada pelo Usati Portobelo inaugurada em julho do ano passado - ainda não está funcionando por falta de servidores no hospital.

Diante disso, Alberto reconhece que o HU não tem como ser o hospital modelo do estado, "porque faltam a construção de mais prédios, equipamentos e a remuneração justa de seus profissionais". São 700 servidores que recebem "salário aviltante" - um auxiliar

Todas estas consultas são dadas quase totalmente a pacientes associados ao Inamps ou sem qualquer convênio, e os custos são pagos por acordos entre os Ministérios de Assistência Social e o da Educação e Cultura. Nada menos do que Cz\$ 4 milhões de cruzados giram mensalmente pelos cofres do HU, que mantém aulas práticas aos estudantes de Medicina, Enfermagem, Nutrição, Serviço Social, Psicologia e Farmácia.

"O governo deve dar prioridade aos hospitais sociais", apela Chterpensque, que não teve como construir um setor de UTI para recém-nascidos e enfermarias na maternidade do Hospital, porque faltaram recursos. Como "saúde é um direito do cidadão e dever do estado" - de acordo com a 8ª Conferência de Saúde, realizada no ano passado em Brasília - o diretor do Hospital Universitário conta com a diplomática pressão do atual Reitor, Rodolfo Pinto da Luz, - também presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub) - sobre o governo federal.

- distribuídos em sete setores, compõem o acervo da Biblioteca Universitária, inaugurada em 1976. Para colocar tudo isso em ordem foi necessária a contratação de 24 bibliotecárias e 92 funcionários, que atendem a um movimento anual de 860 mil usuários - média de 3.500 pessoas por dia. Somente no ano passado foram emprestados 122.681 livros na Biblioteca Central. O sistema inteiro, composto ainda das bibliotecas setoriais, possui 15 mil associados.

Todos estes números dão idéia da organização dentro do sistema. Ele dispõe, por exemplo, de um setor de encadernação, que recuperou 4.500 números em 1986, encadernando 879 volumes de periódicos. Para adquirir novos livros, a Biblioteca espera pela solicitação dos professores e compra no máximo 10 exemplares em cada pedido. Este setor de aquisição mantém assinaturas de periódicos da Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha - "todo o material chega a Florianópolis por via marítima", lembra a diretora da Biblioteca, Estela Vieira de Oliveira.

SANTA CATARINA

Mas também existe um setor específico sobre Santa Catarina, onde se encontram obras de autores catarinenses e a produção científica - teses - dos professores, além de documentos da Universidade, um serviço de Mapoteca - mapas, cartas - e recortes de jornais. A Biblioteca não consegue arquivar as monografias dos estudantes, "porque não tem espaço físico", reclama Estela.

Mesmo assim a estrutura da Biblioteca não compromete. Na seção de audiovisual, se encontram em microfichas nada menos do que 1.703 teses. Livros e revistas também podem ser pesquisados em 32 microfilmes - "são obras sem publicação gráfica", observa a professora. A Seção se completa com as 377 fitas de vídeo-cassete, e os 614 slides sobre os trabalhos dos diversos Centros de Ensino.

Para fortalecer o controle sobre seu acervo, a direção da Biblioteca Universitária conta com o projeto *Coleção-Reserva*. Estela explica que "os livros mais solicitados pelos alunos se encontram nesta coleção e não podem ser emprestados". o material é emprestado para pesquisa dentro da Biblioteca, por duas horas. Em 86, o Projeto Nova Universidade conseguiu uma verba do MEC, no valor de Cz\$ 1 milhão e 200 mil, para reforçar o acervo da coleção.

EDITORA

A Editora da Universidade tem uma estrutura menor. Implantada em maio de 1981 - quando conseguiu editar menos de 10 títulos - ela se renovou, chegando a imprimir 30 livros no ano passado. Mas hoje não dispõe de equipamentos suficientes e, desde janeiro, 20 exemplares estão à espera de produção gráfica - "30 projetos já foram aprovados pela Universidade, mas falta composição", ressalta sua secretária, Jussara Bayer.

Sem um sistema de distribuição adequado, a editora universitária ainda possui o reduzido quadro de oito funcionários. Entre os projetos até o momento engavetados, estão os livros "Peixes em Santa Catarina" - uma pesquisa 40 anos, com mais de 600 páginas - e *Homossexualismo* - obra realizada por um professor da Universidade. Nos dias 19 e 20 de março a UFSC sediará o Seminário de editoras universitárias, onde será discutido um projeto de mulo à editoração do trabalho intelectual instituições de ensino superior.



No momento de ingressar, a briga é dura e desgastante. No outro round muda o adversário: falta de verbas

Geral

Orquídeas nascidas do vento. Como era antes

Horto Botânico da UFSC faz uma coisa que até agora era dom dos ventos e abelhas, replantar a laelia purpurata

Virapuru Mendes

Florianópolis

A Ilha de Santa Catarina novamente colorida por milhares de orquídeas, como no dia da criação - ou da descoberta: eis um belo sonho para uma noite de ventos. E sua realização, acreditem, começou na última terça-feira, prolongando-se até sexta nesta etapa que previa a plantação das primeiras trezentas mudas nas pedras e árvores da ilha de Anhatomirim, pela equipe do Horto Botânico da UFSC. Trata-se de uma experiência em escala reduzida do que acontecerá depois, a partir de pontos estratégicos da Ilha de Santa Catarina. Aliados certos e infalíveis do projeto, até agora, só há os ventos, que levam longas sementes, e as abelhas, que podem até criar novas espécies, pelo processo de polinização. Aceitam-se adesões humanas.

Mais belo ainda seria este sonho do repovoamento se as plantas fossem, como nos planos da UFSC, da espécie *laelia purpurata*. Aqui nascida e daqui espalhada o mundo numa triste história de devastação, a *laelia* é a flor-símbolo da Ilha, reconhecida inclusive por lei estadual como a rainha das orquídeas, pela variedade (de 35 a 40, depois dos cruzamentos) e pela delicadeza das cores: seu núcleo púrpura pode contrastar com o branco, o rosa bem clarinho e o raríssimo azul de suas pétalas. Sem contar a infinita riqueza de combinações e detalhes que surgem nos cruzamentos, resultando em exemplares que fazem a verdadeira paixão dos colecionadores e orquidófilos declarados e registrados, com direito a carteirainha, exposição e laudo de pedigree da planta...

Não é de hoje - recorda o botânico Ademir Reis, professor da UFSC - a in-

tenção de se repovoar a Ilha com orquídeas. Os professores Ranulfo de Souza e Antônio Brezolin já haviam percebido, desde 1960 - ano de criação do Horto Botânico - que a *laelia* estava prestes a ser exterminada na Ilha pelo surto de exportação, responsável inclusive pelo surgimento de uma nova orquídea.

Para eles, a delicada *laelia*, que na verdade só "mora" na pedra ou árvore, recolhendo suas próprias reservas de água e alimentando-se de nutrientes do ar, não passava da vulgar "bainha-de-faca", parasita com que enchiam caminhões e caminhões em troca de alguns mil-réis. "O pessoal daqui só começou a dar algum valor às orquídeas diante do interesse do pessoal de fora", relata o professor Reis. "E com o crescesse, surgiu a figura do tirador".



O botânico Ademir Reis comanda a experiência de replantio das orquídeas em Anhatomirim



Universidade protege nossa flor-símbolo

Na visão do professor Reis, a planta, em vias de extinção, deveria ser preservada pela Universidade, para que um dia voltasse à natureza, já sem a ameaça de devastação. É o que está sendo criteriosamente feito agora, quando o Horto já dispõe de umas 15 mil plantas, de 4 a 5 mil adultas, prontas para retomar seus lugares entre as belezas originais da Ilha. Condições: que os locais sejam adequados, de preferência batidos pelo vento sul ou nordeste que disseminará naturalmente as menores sementes do mundo (há registros de que elas são carregadas até uma distância de 15 quilômetros); e que não haja risco de roubo das orquídeas. Aombas as condições foram portanto preenchidas pela experiência de Anhatomirim, ilha sob a guarda da própria Universidade.

Melhores regiões da Ilha para plantação e propagação da semente, segundo os estudos do Horto, no relato do botânico Reis: "As encostas da Lagoa do Peri - onde foi criado um parque "de preservação permanente" - também são lugares adequados, desde que haja garantia de fiscalização pela Prefeitura. O morro da Praia da Armação, pela sua posição, seria um ponto de disseminação pelo vento; e também seria favorecido pela preferência da planta por pedras, embora ela também se desenvolva bem em árvores. Pelo difícil acesso - lá só se chega com uma subida de morro a pé, ou então de barco - também escolhemos a Lagoinha do Leste, aliás único local onde se pode encontrar, hoje em dia, uma ou outra espécie de *laelia purpurata* (da *laelia* ainda há bastante, por toda a Ilha). Há outros lugares que podem ser considerados, como as encostas do Rio Vermelho, mas ainda não há uma consciência ecológica que nos permita ali plantá-las com a certeza de que não se repetirão os saques do passado".

Ventos e abelhas, ajudai-nos!

Geral

O mistério e exotismo da orquídea

Rose Delfino

Florianópolis

Um belo dia, depois de seis anos de carinho e cuidados, o primeiro botão aparece meio tímido a princípio, pequenino e firmemente fechado em seus segredos de cores e tons. Por mais uma semana a expectativa vai dominar o dia-a-dia do orquidófilo. E o mistério será desvendado suavemente por um flapo de pétala que aparece primeiro anunciando o lilás tênue ou carregado, o alegre salpico ou a alvura da manhã. Então, a surpresa desnuda em seu esplendor. E é pleno o êxtase feito da espera. Fugaz, brilha por 25 dias. Então, fenece.

Assim Marino Coelho, 70 anos, descreve a emoção maior do orquidófilo, a florescência. É inevitável a comparação entre a flor exótica e a mulher. "A orquídea encerra em si o misterioso jogo do amor. É essencialmente feminina, deliciosa e delicada em sua forma esguia, elegante e atrevida", concorda o coronel reformado Antonio de Lara Ribas.

Os dois amigos têm algo mais em comum. Para alívio dos aracuás, anhangus, urus e perdizes, decidiram abandonar a caça em 1942. Permaneceriam, contudo, o hábito saudável das caminhadas pelas matas. E a alma de caçador logo descobriu nova e cativante presa, as orquídeas abundantes nas árvores, pedras e costões da Ilha.

"Andava pelos morros da Lagoa da Conceição, Canasvieiras e me lembro bem da primeira orquídea que recolhi. Era uma *Catleya* carregada com 20 flores. Não a

tratei muito bem a princípio, deixei-a no avarandado que não é seu lugar ideal. A *Catleya* é ingrata, não se adapta fácil. Exigente, gosta de ficar agarradinha aos troncos de laranjeiras ou flamboyant", contou. Com 300 plantas floridas, hoje Ribas satisfaz os caprichos das *Catleyas* em seu sítio repleto de laranjeiras em Cacupé. Visita cada uma delas diariamente. "Quem não gosta do que é bonito? Cuidar das orquídeas é um caminho até o belo, até a alma", sugere.

Deixando de lado o amor pelas *Catleyas*, Lara Ribas vem aprofundando o estudo das *Laelya purpurata* e *Dendrobiums*. Em novembro, lança seu livro "Orquídeas Catarinenses" que trata da *Purpurata*, planta nativa da Ilha, que desapareceu com as queimadas nas matas. "O *Dendrobium* veio da Índia e adaptou-se de tal maneira em nosso litoral que hoje é tida como nativa. Floresce nesta época do ano abrindo com pompas e circunstâncias o caminho para a chegada da primavera", descreve Ribas.

Com Lara Ribas, Décio Vieira e Marino Coelho, todos veteranos, o psicólogo Flávio Garcia se aconselha e troca mudas para seu recém-formado orquidário. "Decidi começar minha coleção para evitar o stress. E valeu a pena. Sinto-me gratificado, recompensado interiormente e isso fortalece e renova meu espírito", contou.

Para Marino Coelho, um ex-soltário, o sentido da orquidofilia amplia-se além do hobby. Suas peixadas de julho

Derivado do trágico roxo, o lilás extravai-se para o alegre púrpura, colorindo boa parte do litoral catarinense nestes dias frios de fim de inverno. Em Florianópolis, os carros reduzem a marcha para que todos observem as orquídeas nos jardins do casarão da Desembargador Pedro Silva, na Praia Clube, em Coqueiros, ou na frente do restaurante Kaffa, na rua Heitor Luz, esquina com a Mauro Ramos. Ali, ao lado do Instituto Estadual de Educação, as flores exóticas também chamam atenção. Nas árvores do Palácio da Agrônômica e do horto da Universidade Federal de Santa Catarina florescem *Catleyas* e *Dendrobiums* lembrando que nosso litoral abasteceu a Europa na década de 20 e 30 com os mais finos exemplares.

Saindo para o interior, o espetáculo se amplia na Barra da Lagoa, Rio Vermelho, Santinho e Barra do Aririu, em Palhoça. Aos cachos coloridos pendem das pedras, xaxins e arbustos para a alegria dos colecionadores apaixonados que as admiram em seu habitat mais natural ou nas centenas de vasos de seus orquidários tratados com muito amor. Assim solenes, as orquídeas anunciam com pompas e circunstâncias a primavera que chega nesta quarta-feira.

reúnem colecionadores de vários estados na praia da Armação. "É uma festa já tradicional da qual muito me orgulho por seu clima de camaradagem. Quem coleciona orquídeas é egoísta por natureza. Quer para si as melhores flores, luta e disputa cada muda mas é solidário e sabe festejar", comentou. Marino é considerado um dos melhores purpurateiros da cidade e não poupa esforços para conseguir um exemplar raro. Aceita qualquer desafio. Lembra-se bem da aventura em busca de uma *Laelia russellana*. "Foi a planta que mais esforços exigiu de mim. Estava em cima de uma pe-

dra de 30 metros num morro da praia de Ingleses. Fiquei namorando de longe e estudando maneiras para a captura. Por fim comprei metros e metros de corda e me dispus a escalar a pedra. Acompanhei emocionado a chegada do primeiro broto, do botão. Veio uma flor bonita de pétalas brancas e labelo lilás" descreveu.

A maior parte dos colecionadores de Florianópolis comercializa apenas as plantas que tem em duplicata. Os preços variam de acordo com a idade das plantas já que quase todas das 1 mil e 500 espécies começam a florir a partir do sexto ano.

Fotos de Eduardo Marques/Florianópolis/DC



Ninguém fica indiferente ao esplendor da orquídea

Flor tinge de púrpura o litoral onde nasceu

Em novembro do ano passado, um grupo de biólogos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) cumpriu uma missão sagrada para os ecologistas e apaixonados pela Ilha. Transplantaram 400 mudas de *Laelia purpurata* do orquidário da universidade para a Ilha de Anhatomirim. Essa foi a primeira de uma série de operações para recolocar no litoral catarinense a flor-símbolo do Estado não mais encontrada na natureza.

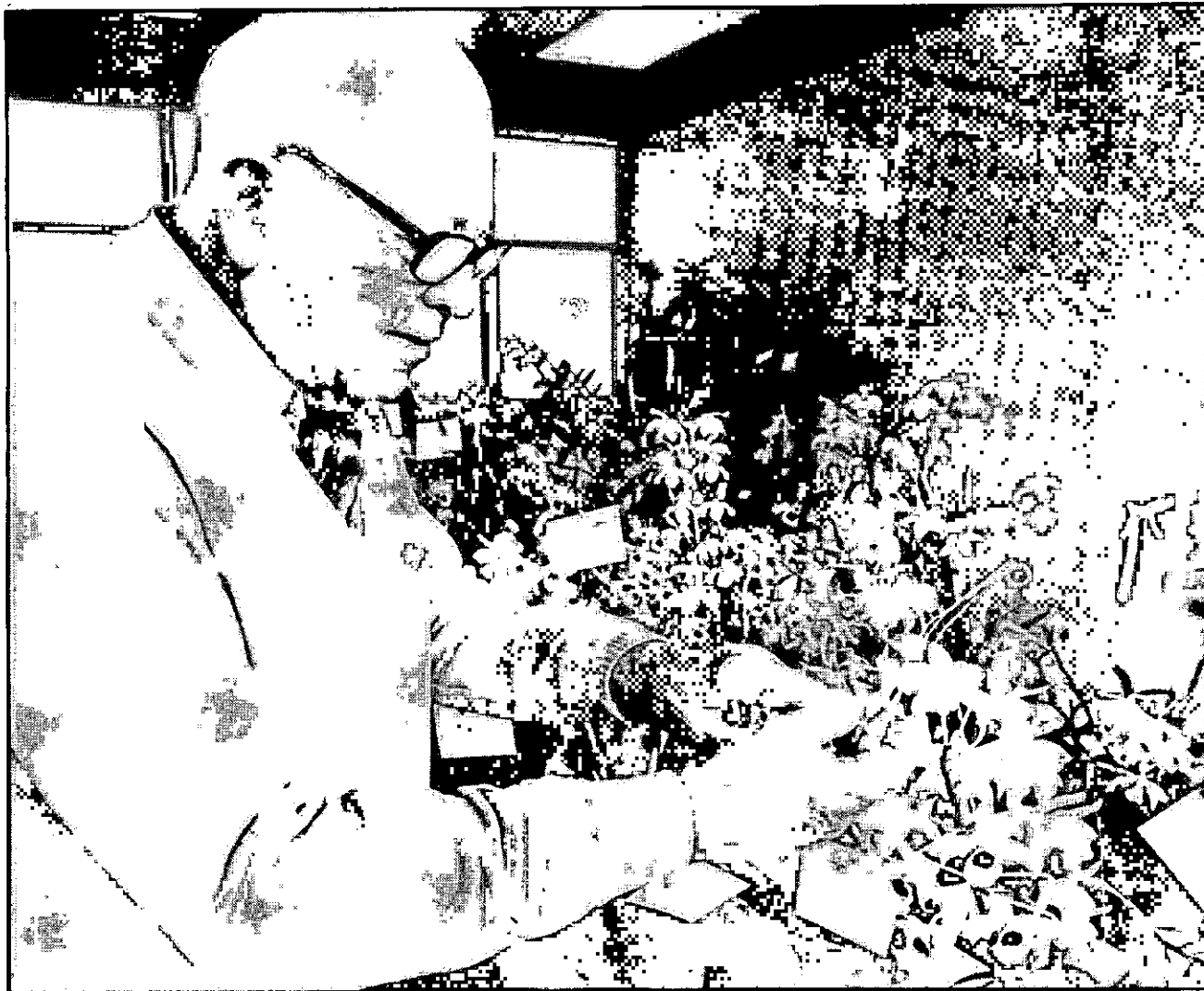
"A orquídea *Laelia purpurata*, assim chamada pela cor púrpura vibrante de seu labelo, foi retirada em grande quantidade. Muito bonita, com sépalas e pétalas bem desenvolvidas, era disputada na Europa pelos colecionadores. Chegavam por navios holandeses, principalmente à Inglaterra. Por volta de 1920, havia em Florianópolis a figura do tirador de orquídeas que vivia nas matas do Rio Vermelho e Cachoeira do Bom Jesus em busca de preciosidades para vendê-las. Outros, simplesmente trocava uma canoa repleta de plantas floridas por uma garrafa de pinga", contou Ademir Reis, biólogo da universidade e responsável pela formação das novas mudas. A flor chega a medir 15 centímetros, tem cerca de 400 variações de cor e pode custar até mil dólares.

A paixão pelas orquídeas levou Ademir Reis à botânica. "Comecei meio por acaso num domingo. Eu estudava em Brusque num colégio in-

terno e como estava de castigo não podia sair. Então fui passear pela mata e encontrei flores lindas. Levei-as para a aula que teria no dia seguinte com o professor Raulino Reitz, um botânico fantástico que hoje dirige o herbário de Itajaí. Eu tinha 12 anos e o vício das orquídeas não mais me abandonaria", contou exibindo suas flores mais bonitas.

Delicadamente abre as três pétalas e sépalas lilás-claro de uma *Catleya* intermediária. "Uma das sépalas transformada é o labelo de cor mais forte e bonita justamente para atrair os insetos responsáveis pela polinização", explicou. E o mecanismo é fantástico, simples e delicado. Quando o inseto pousa, o labelo cede levemente abrindo passagem para a coluna onde estão os órgãos reprodutores da flor. Somente na saída ele traz as sementinhas que depositará em outra flor.

"Nosso próximo plantio será na Lagoa do Peri assim que o parque esteja completamente implantado. Não adianta colocarmos as flores num local sem vigilância ou de acesso fácil. Por enquanto elas devem ficar protegidas até que tenham se espalhado por toda a Ilha novamente. E não é difícil. A semente da orquídea é a menor do reino vegetal, voa com o vento até 20 quilômetros e se cair num local favorável com fungos e musgo para sua alimentação poderá germinar facilmente", defendeu Reis.



Apassionado pelas *Catleyas*, o colecionador Lara Ribas cuida diariamente de suas 300 flores